Deputado vê na saída de Frota a “gota d’água”

Tarcíssio Hollanda

Brasília — As declarações do Deputado Marcelo Linhares, de que o Alto Comando das Forças Armadas estaria sendo diminuído na condução do processo sucessório, foram, na opinião do Deputado Sinval Boaventura, “a gota d’água” que levou o Presidente da República a tomar no último sábado a decisão de demitir o Ministro Sylvio Frota.

O Deputado Sinval Boaventura, que era o coordenador do grupo pró-tista na Câmara, disse ter sido informado no próprio sábado, dia 3, das intenções do Chefe do Governo. “Foi através de fonte limpa do Palácio do Planalto”, acrescentou. A decisão, afirmou ainda, estava tomada: “Eu avisei ao General Frota e ele não acreditou”.

Política regional

Interesses de política regional, quase sempre puramente fisiológicos, facilitaram a penetração do nome do General Sylvio Frota na perplexa bancada da Arena na Câmara dos Deputados, a ponto de alguns dos líderes ligados ao ex-Ministro, como o Sr Sinval Boaventura, estimarem que o número de adeptos já ascende a 113 parlamentares.

Embora a candidatura do General Sylvio Frota tenha nascido logo depois que assumiu o Ministério do Exército — em face da morte do General Dale Coutinho — o movimento em torno de seu nome ganhou grande alento depois do lançamento do projeto de destinação política do Presidente, capitalizando descontentamentos antigos que vêm à Revolução Anêndia.

O General Sylvio Frota passou a entender que a chamada destinação política constituía uma ameaça à Revolução, na medida em que permitia a penetração dos adversários do Movimento de 64, estimulados pela atitude liberalizante do Governo.

Em torno dele, os grupos descontentes, civis e militares, passaram a gravitar. Começou um trabalho de alinhamento dos políticos, de início cauteloso e estuto, depois do lançamento da candidatura do General João Baptista de Figueiredo.

O comoeco

O entrosamento dos políticos com o ex-Ministro do Exército começou a se intensificar a partir de agosto do ano passado: o Sr Sinval Boaventura, como presidente da Comissão de Segurança Nacional, levou todos os integrantes daquele órgão — e mais alguns Senadores — para um almoço com o ex-Ministro do Exército.

Entre os deputados presentes, além do Sr Sinval Boaventura, estavam os Srs Paulo Studart (Coronel da reserva), Teotônio Neto, Rui Lino, Agostinho Rodrigues, Alípio de Carvalho, Parente Frota, Italo Conti e Florim Coutinho (os três últimos Generais), entre outros, assim como os Senadores Jarbas Fassarinho (Arena-PA) e Agenor Maria (MDB-RN).

Naquela oportunidade, o ex-Ministro do Exército promoveu uma exposição, a cargo de assessores de seu gabinete, sobre problemas relacionados com a defesa interna e externa. Depois disso, os contatos se amizaram e o então Ministro adotou um comportamento simpático com os políticos, prestigiando aqueles que conheciam.

Mais ou menos à mesma época, num dia de conversa sobre problemas nacionais da atualidade, em seu gabinete, o Deputado Sinval Boaventura surpreendeu-o com uma frase: “Quer queira, quer não, o Senhor está a dois passos da Presidência da República.”

Embora nada tenha dito, o ex-Ministro ficou sensibilizado, ele que já manifestava suas divergências com o Governo, do qual fazia parte, em matéria de política econômica, em política internacional (tratamento de relações com a China e reconhecimento da Angola) e quanto ao programa de liberalização política.
O afastamento

O afastamento de deputados irri- tou o Palácio do Planalto, que viu no afastamento do ministro a única al- ternativa para vencer a rebelião den- tro de seu próprio Partido. Afli- cimento que se aprofundou nas contradições da Arena, de suas lutas internas e sobretudo, da política de esmagamen- to de alguns governadores contra inúmeros deputados.

A ideologia podia ser bandeira do General Sylvio Frotta — a defesa intransigente do endurecimento revolu- cionário — mas, para a maioria dos deputados, era uma alternativa pa- ra garantir a sobrevivência do governo. Como o goiano Siqueira Campos, sofrendo ofensiva de seu governador, ou os cearense Marcelo Linhares e Flávio Marcelli.

Ou ainda os capixabas Gérson Camata e Parente Frotta; os gaúchos Alexandre Machado e Célio Marques Fernandez; os mineiros Jorge Vargas, Sílvio Boaventura, Batista Miranda e vários outros; os baianos que seguem a orientação do Governador Roberto Santos (contra Antônio Carlos Magalhães); os catarinenses Pedro Collin, Dib Cherem e Henrique Cordova, esmagados pelas duas oligarquias do Estado (Ramos e Bornhausen); o grupo Vitorino Freire, no Maranhão.

Os 113 deputados trofistas não estavam propriamente lutando pelo General Sylvio Frotta, mas embarca- nho numa campanha para esca- par dos adversários, já remando o barco do General João Baptista de Figueredo. Não era um movimento pro- priamente contra o Presidente Geisel e o Chefe do SNJ, embora, ao cabo de tudo, assim fosse interpretado — mas uma maneira de lutar pela sobrevi- vência ou pela conquista de futuras posições.

O dado ideológico era a roupagem do candidato Sylvio Frotta impunha a que o acompanhavam. Essas forças ficarão orfãs? Claro que não.


Esse grupo descontente poderá vir a dar trabalho ao Governo, quando o Presidente começar a examinar o pro- blema sucessório. Seu interesse não é propriamente pela Presidência da República, mas pelo poder de influir nas sucessões governamentais, no político dos Estados.

A maioria teme as eleições e se entregará a qualquer outro movimen- to de rebelião que tenha a estimulação a alguém em posição de força como um Ministro do Exército.

O alciamento

Começou, então o trabalho de alciamento de Deputados, que teve no Sr Sinval Boaventura um dos mais ativos coordenadores. Ao mesmo tem- po, esse Deputado fazia três discursos na Câmara, todos de condenação oposicionista a certos aspectos da políti- ca do Governo, criticando, com rigor, os Ministros Severo Gomes e Azeredo da Silveira, da Indústria e do Comércio e das Relações Exteriores. O General Silvio Frotta dizia en- tão, aos parlamentares com os quais conversava, que a Revolução caria o risco de ser destruída pelos seus adversários, insistindo sempre na exis- tência de uma infiltração comunista em todos os setores da atividade na- cional.

Mas, até aí, nunca havia se de- clarado candidato à Presidente da Repú- blica. Só depois do lançamento da candidatura do General João Baptista de Figueredo pelo Sr Humberto Barreto, presidente da Caixa Econô- mica, é que o ex-Ministro do Exército resolveu manifestar a sua disposição de concorrer ao posto.

Antes desse fato, para dar uma demonstração de seu apreço pelo Con- gresso, o Ministro do Exército compa- receu no dia 25 de agosto de 1976 a uma sessão do Legislativo de home- nagem ao Duque de Caxias, o Patrono do Exército, com mais de 40 Generais, visitando o Congresso o Sr Magalhães Pinto.

A intensificação

Depois do lançamento do Ge- neral Figueredo, intensificou-se o trabalho de alciamento dos políticos, com a criação de um "número de ba- se" na Câmara, no qual pontificavam, entre outros, os Deputados Sinval Boaventura, Siqueira Campos, Vasco Neto, Alexandre Machado, Dado Co- imbra, Marcelo Linhares, Hélio Campo- s e Carlos Alberto Oliveira.

O trabalho de alciamento inten- dificou-se do Rio Grande do Sul ao Acre, capitalizando ressentimentos de uma bancada que marcha inquieta pa- ra uma nova eleição. Esse grupo, cujas posições coincidem com as do líder José Bonifácio e da maioria dos vic- licentes, passou a combater o diálogo estabelecido pelo Senador Petróleo Portela com a autorização do Palácio do Planalto.

As reuniões no apartamento do Deputado Herbert Levy serviram pa- ra alguns testes de aferição da capa- cidade da Dissecção do grupo, que ex- plodiu, organizadamente, na reunião da bancada arenista no dia 5 do cor- rente, quando mesmo o Sr José Bo- nifácio ficou surpreendido com o su- cesso de discursos oposicionistas den- tro de seu próprio Partido.

A esta altura, o ex-Ministro e seus principais colaboradores e correligionários estavam convencidos de que não contariam com as graças do Pa- lácio do Planalto. Seus amigos diziam que o ex-Ministro tinha maioria de 7 a 4 votos no Alto-Comando — não necessariamente a seu favor, mas contra a candidatura do General Figue- redo. A perspectiva de perder essa maioria levou-os a defender a antecipação do debate sucessório, através de discursos pronunciados pelo Deputa- tado Sinval Boaventura nos últimos dias de setembro.

O trabalho de alciamento políti- co intensificou-se com a entrada em cena do General Jaime Portela, ao mesmo tempo em que aumentava o ritmo de pronunciamentos de Depu- tados na tribuna da Câmara — Siqueira Campos, Célio Marques Fernandes, Alexandre Machado, Carlos Alberto de Oliveira, Dado Coimbra e outros.

A denúncia-bomba do Deputado Marcelo Linhares e a entrada em ce- na do General Jaime Portela apres- saram a decisão que o Presidente da República vinha amadurecendo há cerca de 20 dias, quando sentiu que as explosões dentro da bancada de seu Partido estavam sendo estimula- das pelo ex-Ministro do Exército e seus assessores.

O Sr Marcelo Linhares tivera, en- tão, vários contatos com o General Silvio Frotta, o último deles terça-fei- ra passada, que levou mais de três horas. Sua denúncia de que a Arena, minimizando o papel do Alto-Coman- do, tentava marginalizá-lo do processo sucessório presidencial, tinha co- mo endereço o Presidente Geisel e non o Sr Francisco Pereira.